**SUJEITO: SUJEITO\_6**

**CURSO: PEDAGOGIA**

**SEXO: MULHER**

**ANO: PRIMEIRO**

**CIDADE: LONDRINA**

**Entrevistadora:** Então, eh, pra começar, se cê puder falar seu nome completo e a sua idade.

**Entrevistado:** Meu nome é Glória Silveira e eu tenho dezoito anos.

**Entrevistadora:** Eh, o seu curso é pedagogia, está no primeiro ano, né?

**Entrevistado:** Isso.

**Entrevistadora:** Que que cê acha do seu curso?

**Entrevistado:** Nossa, que pe[ɹ(n)]gunta [dʒɪ]fícil. Hã… O meu cu[ɹ(n)]so… Ele… Como que fala? Ele gradua sere[s] humano[∅s]. Eu vi isso muito duran[tʃɪ] esse primeiro semestre, que pedagogia, ele não tá ensina[n∅dʊ] você como tá dentro [dʒɪ] sala [dʒɪ] aula, muito menos a como… como convive[∅r(v)] com criança[s], mas como você se[ɹ(v)] melho[∅r(n)] como se[ɹ(n)] humano, é isso que eu vejo do meu curso.

**Entrevistadora:** Perfeito. E quais são as suas expectativas em relação ao curso? Assim, cê que tá começando agora, né?

**Entrevistado:** Olha, quando eu entrei no curso, eu tava supe[ɹ(n)] ansiosa pra fala[∅r(v)] assim, nossa, vamos ensina[∅r(v)] a cortar EVA, né... na minha cabeça, mas… Meu, acho que foi [dʒɪ]fícil, a[s] minha[∅s] expecta[tʃɪ]va[∅s] no curso. Olha… Nesse primeiro, é po[ɹ(n)]que é muito recente, né? Não tem nem como falar sobre expecta[tʃɪ]va[s]… Eu tenho a impressão que eu vou sai[ɹ(v)] da UEL como uma pessoa muito mais compreensiva. Muito mais, como que fala? Com… Mais empática. É isso que eu… Que a minha expecta[tʃɪ]va é que eu saia dali mais empá[tʃɪ]ca, mais compreensiva, porque as pessoas falam muito sobre, principalmen[tʃɪ], a gente fala muito sobre a educação, né? E como isso, ela humaniza as pessoas. Então, foi algo assim, é isso que eu encaro, você é mais empá[tʃɪ]co, mais compreensível, mais pacien[tʃɪ], não é nem tanto assim como profissional, é mais como pessoa mesmo.

**Entrevistadora:** Ai que interessante, achei muito bonito. E por que que cê escolheu pedagogia?

**Entrevistado:** Bom, eu entrei no cu[ɹ(n)]so po[ɹ(n)]… na ve[ɹ(n)]da[dʒɪ] eu queria faze[∅r(v)] psicologia. Eu tenho, eu sou fo[ɹ(n)]mada como balé, em balé clássico, sou bailarina clássica e eu me fo[ɹ(v)]mei com quinze ano[∅s]. E a principal vonta[dʒɪ] que eu tinha é estuda[∅r(v)] a… a lavagem cerebral que muita[s] bailarina[∅s] têm, po[ɹ(n)]que ela[s] entram na pa[ɹ(n)][tʃɪ] de bulimia, anorexia. O quão ou qual é, como o professo[∅r(n)] atingia ela[s] [dʒɪ] tal fo[ɹ(n)]ma ao ponto dela[s] entrarem, a começarem a se [dʒɪ]strui[∅r(v)] e eu passei po[ɹ(n)] muitos anos se[n∅dʊ] humilhada em sala [dʒɪ] aula, então, foi assim, foi uma época muito tris[tʃɪ] assim pra mim. E eu queria muito estuda[∅r(v)] psicologia, só que aí eu tava sentada assim e me chamaram pra começa[∅r(v)] a da[ɹ(v)] aula de balé, aí que eu me to[ɹ(v)]nei professora de balé clássico e comecei a da[ɹ(v)] aula pra criança, e eu via o quão, eh, eh, quanto eu influenciava a[s] minha[∅s] aluna[∅s]. E eu falava, e eu pensei comigo: “Meu, eu não quero se[ɹ(v)] o [tʃɪ]po [dʒɪ] professo[ɹ(n)] que foram pra mim”. Aí foi assim que eu entrei pra pedagogia. Aí, assim…

**Entrevistadora:** Legal. E perguntar, quanto tempo que cê mora aqui em Londrina?

**Entrevistado:** Des[dʒɪ] que eu nasci.

**Entrevistadora:** Cê nasceu aqui?

**Entrevistado:** Nasci aqui em Londrina.

**Entrevistadora:** Seus pais nasceram aqui também?

**Entrevistado:** Meus pais tam… Não, a minha mãe é [dʒɪ] Mandaguaçu, mas ela mudou pra cá com três aninho[∅s].

**Entrevistadora:** Ah, sim, bem pequenininha.

**Entrevistado:** Bem pequenininha.

**Entrevistadora:** E cê gosta de morar aqui em Londrina?

**Entrevistado:** Ai, ai, ai. Olha, Londrina é uma cida[dʒɪ] gigantesca. Mal frequentada. Po[ɹ(n)]que… né! Não, não, não. Claro, eu gosto muito da[s] pessoa[∅s] que eu tenho convívio aqui, mas se eu pudesse, assim, manda[∅r(v)] alguma[s] dela[∅s] dentro [dʒɪ] uma espaçonave pra longe, eu mandaria. Por causa que… Eu acho que, exatamen[tʃɪ] por Londrina se[ɹ(v)] muito gran[dʒɪ], a gen[tʃɪ] acaba ve[n∅dʊ] muita coisa assim que a gen[tʃɪ] preferia não olha[ɹ(v)], mas, assim, oportunida[dʒɪ] [dʒɪ] trabalho tem, oportunida[dʒɪ] [dʒɪ] estudo também tem, tem vária[s] escola[∅s] boa[∅s] aqui, estaduai[s], municipai[∅s]. Então é um luga[ɹ(n)] com gran[dʒɪ][s] oportunida[dʒɪ][∅s], mas assim, no sen[tʃɪ]do de: “Ai, você gosta [dʒɪ] mora[ɹ(n)] aqui?” Eu preferia uma cida[dʒɪ] como Maringá, mais, mais, mais longe ainda [dʒɪ] Londrina, eu acho que po[ɹ(n)]que é quase uma metrópole.

**Entrevistadora:** Sim, sim, verdade. E você já morou em algum outro lugar? Não.

**Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora**: Sempre morou em Londrina.

**Entrevistado:** Sempre morei em Londrina.

**Entrevistadora:** E… Costuma… E viajar, cê costuma viajar bastante?

**Entrevistado**: Bastan[tʃɪ], não. Mas, eu tenho família em Minas Gerais, então vira e mexe a gente tá po[ɹ(n)] lá.

**Entrevistadora:** Tendi. E hoje, eh, cê comentou, né, de gostaria “Ai, Maringá. Talvez”. Tem alguma outra cidade que cê tem pretensão de morar ou realmente você tem planos de permanecer em Londrina?

**Entrevistado:** Não, eu tenho é que… Minha mãe não po[dʒɪ] escuta[∅r(v)] essa entrevista.

**Entrevistadora:** Tudo bem, ela não vai, não vai escutar.

**Entrevistado:** Mas eu tenho vonta[dʒɪ] [dʒɪ] mora[ɹ(v)] em Lisboa. Eu quero estuda[∅r(v)] po[ɹ(n)] lá.

**Entrevistadora:** Ai, que legal. Perfeito. E além da faculdade, cê tem alguma outra ocupação, trabalho, estágio, dentro ou fora da área?

**Entrevistado:** Eu dou aula [dʒɪ] balé clássico, como professora [dʒɪ] balé clássico e só, pelo que me lembro, só.

**Entrevistadora:** Perfeito. Você faz pedagogia né? Você comentou o que você queria fazer psico, tudo mais. Seus pais te influenciaram na escolha do seu curso ou foi uma escolha mais sua mesmo?

**Entrevistado:** Bom, a minha primeira opção era psicologia. A minha mãe teve muita influência no cu[ɹ(n)]so, po[ɹ(n)]que ela falava que nós somos [dʒɪ] família pobre, então meu[s] pai[∅s] não tem con[dʒɪ]çõe[s] [dʒɪ] me manterem financeiramen[tʃɪ] e o cu[ɹ(n)]so de psicologia na UEL é integral e meus pais não [tʃɪ]nham con[dʒɪ]çõe[s] [dʒɪ] me coloca[∅r(v)] numa escola par[tʃɪ]cula[∅r(n)], numa universida[dʒɪ] par[tʃɪ]cula[∅r(n)]. Então a minha mãe, ela sempre me influencia muito a escolhe[∅r(v)] cu[ɹ(n)]so[s] que eu pudesse estuda[∅r(v)] no período da noi[tʃɪ] pra que eu pudesse trabalha[∅r(v)] duran[tʃɪ] a manhã. Então ela me influenciou bastan[tʃɪ] a te[ɹ(v)] mais convicção do cu[ɹ(n)]so, mas a escolha [dʒɪ] qual cu[ɹ(n)]so faria duran[tʃɪ] o período da noi[tʃɪ] foi, foi minha.

**Entrevistadora:** Perfeito. Qual que é a profissão dos seus pais?

**Entrevistado:** Meu pai ele é assisten[tʃɪ] [dʒɪ] coo[ɹ(n)]denação [dʒɪ] uma indústria alimen[tʃɪ]cia e a minha mãe é dona [dʒɪ] casa.

**Entrevistadora:** Perfeito. E falando um pouco agora mais do curso, da sua experiência, no curso em si, dentro do curso você já passou por alguma situação que foi meio desconfortável, né? Que, enfim, que marcou meio que negativamente, seja de interação com os colegas, seja de interação com os professores.

**Entrevistado:** Ah, teve dua[s] situaçõe[∅s] bem chatas. A primeira foi assim: dois mil e vin[tʃɪ] e dois a gen[tʃɪ] tava vive[n∅dʊ] um momento polí[tʃɪ]co muito crí[tʃɪ]co e já chegou um momento assim da gen[tʃɪ] passa[∅r(v)] quase trinta, quarenta minuto[∅s] falando só sobre polí[tʃɪ]ca. E eu já sou uma pessoa, não que eu não tenha posicionamento polí[tʃɪ]co, mas se eu tô na sala [dʒɪ] aula não é pra fica[∅r(v)] só fala[n∅dʊ] só sobre a polí[tʃɪ]ca, até po[ɹ(n)]que ela tava num momento muito crí[tʃɪ]co, não [tʃɪ]nha quem você virasse pro lado e não pe[ɹ(v)]guntasse o que que tava pensa[n∅dʊ] sobre quem iria votar. Mas chegou um momento [dʒɪ] passa[∅r(v)] quarenta minuto[∅s] falando sobre isso, sabe? Você com vonta[dʒɪ] [dʒɪ] sai[ɹ(v)] da sala po[ɹ(n)]que aquilo ali não tava da[n∅dʊ], até po[ɹ(n)]que tem pessoas que tavam muito assim pa[ɹ(n)]cial, ou era dum lado ou era do outro. E como eu era uma pessoa já que eu não aceitava nenhum dos dois lados, eu já não tava muito gosta[n∅dʊ] dessa situação, então eu já não cu[ɹ(v)][tʃɪ] muito isso. E a outra foi uma briga que teve entre colega[s] assim pra faze[ɹ(v)] trabalho [dʒɪ], [dʒɪ] em grupo. Eu nunca vi trabalho em grupo dá tanto trabalho, [tʃɪ]po, trabalho no sen[tʃɪ]do [dʒɪ] convivência, chegou ao ponto assim do meu grupo inteiro se [dʒɪ]sestabiliza[∅r(v)], a gente pe[ɹ(v)]de[∅r(v)] quase o prazo de entrega, foi sim, uma loucura, foi, foi assim, a pio[ɹ(n)] sensação que eu [tʃɪ]ve, se eu pude[ɹ(v)] não faze[∅r(v)] trabalho[s] em grupo [dʒɪ] novo com essas pessoas eu não fujo.

**Entrevistadora:** Nossa Senhora.

**Entrevistado:** E assim, foi um grupo, era um grupo muito bom, mas po[ɹ(n)] conta [dʒɪ] uma menina não aceita[∅r(v)] o que a outra menina tava coloca[n∅dʊ]... Nossa senhora, deu, eu, eu num sabia o que que eu virava, se eu virava a porta, sumia ou se eu, assim, tomava a fren[tʃɪ] [dʒɪ], [dʒɪ] alguma das duas, sabe? Ah, você tá certa, você tá errada, sabe? Bem…

**Entrevistadora:** E é complicado, né? Tomar partido nessa situação.

**Entrevistado:** É po[ɹ(n)]que, assim, a briga era entre ela[s], sabe? Mas isso tava entra[n∅dʊ], gera[n∅dʊ] conflito até pra quem tava de fora. Então, foi algo assim que eu num, que eu num num cu[ɹ(v)]ti muito, sabe? E essas coisas de trabalho em grupo com pessoa[s] que não tão ali só pelo trabalho, sabe? Começa a pega[ɹ(v)] intriga uma com a outra e não é mais o trabalho, já é a[s] pessoa[∅s].

**Entrevistadora:** Não, às vezes as pessoas não se dão conta que elas vão passar quatro, cinco anos juntas ainda, né?

**Entrevistado:** A gen[tʃɪ] tá fala[n∅dʊ] [dʒɪ] primeiro semestre. Então, imagina a situação [dʒɪ]sso.

**Entrevistadora:** Tem muito chão pela frente. E agora oposto, alguma situação marcante mais positivamente, né? Seja o fato de ter entrado na faculdade ou algo, uma interação interessante que cê teve com os colegas, professores.

**Entrevistado:** Assim, se um [dʒɪ]a ele pudesse sabe[ɹ(v)] o quanto que eu a[dʒɪ]miro ele como professo[∅r(n)], ele é professo[∅r(n)] [dʒɪ] ensino médio. O professo[∅r(n)] XXXXXX ele é [dʒɪ] XXXXXXXX. Acho que eu nunca [tʃɪ]ve uma aula de XXXXXX tão boa igual a dele. Era assim, incrível. A gen[tʃɪ] conve[ɹ(v)]sou… e ele, assim, sempre foi muito abe[ɹ(n)]to a [dʒɪ]scussõe[s]. Então, a gen[tʃɪ] se… todo mundo da sala entrava na dele, conve[ɹ(v)]sava, colocava as coisas em, em, em pauta, ques[tʃɪ]onava, sabe? Ele era um… ele é um professo[∅r(n)] muito abe[ɹ(n)]to, então foi algo assim, extremamen[tʃɪ] ma[ɹ(v)]can[tʃɪ] assim, se eu pude[ɹ(v)] te[ɹ(v)] aula com ele mil veze[s], eu teria aula mil veze[s] com ele po[ɹ(n)]que foi muito bom, muito bom mesmo.

**Entrevistadora:** Ah, é muito bom quando a gente acha um professor que inspira a gente.

**Entrevistado:** [dʒɪ]mais da conta, isso, querendo ou não, inspira até nós como pedagoga[∅s] a, a traze[ɹ(v)] esse, esse, essa vonta[dʒɪ] também [dʒɪ] conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)], [dʒɪ] ques[tʃɪ]ona[∅r(v)], acho que essa é a… principal ponto da educação, né? Você traze[ɹ(v)] ques[tʃɪ]onamento[s], ensina[∅r(v)], você te[ɹ(v)] crescimento pessoal. Então, quando você vê um professo[∅r(n)] faze[n∅dʊ] isso pra você, você automa[tʃɪ]camen[tʃɪ] que[ɹ(v)] faze[ɹ(v)] isso na[s] outra[s] pessoa[∅s]. Então, é muito legal.

**Entrevistadora:** Agora a gente vai pra uma segunda parte da nossa conversa que assim, a gente sabe que os estudantes de Londrina ela… da Universidade de Londrina nem sempre são de Londrina, né? Então a gente tem, às vezes, expressões diferentes pras mesmas coisas, então, tipo, tangerina, mexerica, né? Então eu vou ver um pouco disso agora, então eu vou te dar uma descrição de um objeto, de uma ação. E aí você me fala o nome, você vai ver que vai ser coisas do cotidiano bem simples, tá? Não precisa ficar nervosa.

**Entrevistado:** Ok.

**Entrevistadora:** O objeto com que se corta o tecido.

**Entrevistado:** [tʃɪ]soura.

**Entrevistadora:** Aquilo que se recosta a cabeça pra dormir na cama.

**Entrevistado:** Travesseiro.

**Entrevistadora:** Aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos na pia.

**Entrevistado:** A to[ɹ(n)]neira.

**Entrevistadora:** Para limpar o chão, o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Varre[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Sim. E uma refeição que se faz em geral às doze horas.

**Entrevistado:** Almoço.

**Entrevistadora:** A carne se come de garfo e faca. E a sopa se toma de...

**Entrevistado:** De colhe[∅r(n)]

**Entrevistadora:** Um aparelho que é usado pra fazer vitaminas, suco.

**Entrevistado:** Liqui[dʒɪ]ficado[∅r(n)].

**Entrevistadora:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como que se diz que ela está.

**Entrevistado:** Fe[ɹ(v)]ve[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** O que que tem na água do mar que a gente também usa pra temperar a carne?

**Entrevistado:** O sal.

**Entrevistadora:** Aquilo vermelho que vende na feira e se usa para preparar molho de

macarrão.

**Entrevistado:** O toma[tʃɪ].

**Entrevistadora:** O que que dá sombra nas ruas, no campo, que tem um tronco, é verde.

**Entrevistado:** Á[ɹ(n)]vore.

**Entrevistadora:** O que que a abelha fabrica?

**Entrevistado:** O mel.

**Entrevistadora:** Um bichinho que voa e tem as asas bonitas, coloridas.

**Entrevistado:** Bo[ɹ(n)]boleta.

**Entrevistadora:** Um animal grande que tem uma tromba enorme.

**Entrevistado:** Um elefan[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Quando tudo fica escuro e as pessoas vão dormir essa é a?

**Entrevistado:** A noi[tʃɪ].

**Entrevistadora:** E o contrário de noite?

**Entrevistado:** O [dʒɪ]a.

**Entrevistadora:** E o que brilha no céu de dia.

**Entrevistado:** O sol.

**Entrevistadora:** No inverno faz frio. E no verão?

**Entrevistado:** Calo[∅r(n)].

**Entrevistadora:** Qual é o contrário de cedo?

**Entrevistado:** Tar[dʒɪ].

**Entrevistadora:** E o que que vem depois do número treze.

**Entrevistado:** O quato[ɹ(n)]ze.

**Entrevistadora:** Para ganhar dinheiro o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Trabalha[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Perfeito. Onde as crianças vão pra aprender a ler.

**Entrevistado:** Na escola.

**Entrevistadora:** Fazer assim em um papel. É o quê?

**Entrevistado:** É rasga[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Isso. E qual é a cor do céu?

**Entrevistado:** Azul.

**Entrevistadora:** Qual o nome do nosso país?

**Entrevistado:** Brasil.

**Entrevistadora:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]nambucano?

**Entrevistadora:** É isso mesmo. Quando alguém é acusado de alguma coisa mas ele não praticou aquela ação se diz que ele é o quê.

**Entrevistado:** Inocen[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Qual o contrário de errado?

**Entrevistado:** Ce[ɹ(n)]to.

**Entrevistadora:** Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma?

**Entrevistado:** Uma men[tʃɪ]ra.

**Entrevistadora:** O que que a gente tem na boca que usa pra morder as coisas?

**Entrevistado:** Den[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Quando a pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão sem sentidos. O que que se diz que ela teve?

**Entrevistado:** Um [dʒɪ]smaio.

**Entrevistadora:** Eva foi a primeira...

**Entrevistado:** Mulhe[ɹ(n)].

**Entrevistadora:** O que que o irmão do seu pai é seu?

**Entrevistado:** [tʃɪ]o.

**Entrevistadora:** O que se diz de uma pessoa que mede um metro e noventa, dois metros?

**Entrevistado:** Alta.

**Entrevistadora:** O que que se usa no dedo?

**Entrevistado:** Anel.

**Entrevistadora:** E o que que se coloca no corpo pra ficar cheiroso?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]fume.

**Entrevistadora:** Quando a pessoa faz aniversário, o que que se costuma dar pra ela que vem embrulhado?

**Entrevistado:** Um presen[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Dá um abraço é abraçar e fazer assim.

**Entrevistado:** Beija[∅r(v)].

**Entrevistadora:** A pessoa que não está acordada ela está...

**Entrevistado:** Dormi[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** Quando você está na rua e você quer pedir uma informação pra pessoa, o

que que você tem que fazer?

**Entrevistado:** Pergunta[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Qual que é o contrário de entrar.

**Entrevistado:** Sai[ɹ(v)].

**Entrevistadora:** Este é o meu lado direito. E esse?

**Entrevistado:** O esque[ɹ(n)]do.

**Entrevistadora:** Perfeito, essa parte acabou, é bem tranquila, parece que é complicado, a gente fica nervoso, mas é…

**Entrevistado:** Foi muito inteligen[tʃɪ] isso, eu nunca pensei na minha vida. Como é que você fala tal coisa? Então a gen[tʃɪ] não para pra pensa[ɹ(v)]. Mas é igual, vista tu[ɹ(n)]va e cai, eu. Cê pe[ɹ(v)][dʒɪ] até o que que é po[ɹ(n)]que é tão cotidiano que a gen[tʃɪ]…

**Entrevistadora:** Não, mas é bem normal assim, geralmente eu volto nas perguntas que às vezes a gente esquece, né? Fica travado, tá ficando tentando imaginar como é a situação. E aí agora a última parte já pra te liberar, você falou que morou aqui em Londrina a vida inteira, mas cê já viajou pra outros lugares, né. Quando você foi pra esses lugares as pessoas percebiam que você era de fora?

**Entrevistado:** Po[ɹ(n)]ta, po[ɹ(n)]tão, po[ɹ(n)]teira. Muito *carateristo*.

**Entrevistadora:** E você consegue identificar que uma pessoa é londrinense como você?

**Entrevistado:** Nossa, eu consigo iden[tʃɪ]fica[ɹ(v)] quem não é. Agora quando a pessoa, não, se bem que… se bem que quando a pessoa tem, po[ɹ(n)] exemplo, um sotaque um pouquinho puxa[dʒɪ]nho, [tʃɪ]po carioca ou São Paulo, a gente já sabe que não é daqui [dʒɪ] Londrina, mas nem sempre eu consigo obse[ɹ(v)]va[∅r(v)] ou pe[ɹ(v)]cebe[∅r(v)] po[ɹ(n)] conta do, do contato, sabe? A gen[tʃɪ] não presta atenção, mas acho que sim, acho que eu consigo pe[ɹ(v)]cebe[∅r(v)].

**Entrevistadora:** Perfeito. Então, quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque.

**Entrevistado:** Pelo sotaque.

**Entrevistadora:** E quando você conversa com alguém, você presta atenção no jeito que a pessoa fala, no sotaque que ela tem?

**Entrevistado:** Sim, muito, [dʒɪ]mais da conta. Cê viu que quando eu conheci você eu pe[ɹ(v)]guntei, cê é daqui [dʒɪ] Londrina? É muito natural.

**Entrevistadora:** E tem algum sotaque do Brasil, assim, que você goste mais, cê tem uma preferência, que cê acha mais bonito.

**Entrevistado:** Ai ai ai. Eu gosto muito do sotaque do no[ɹ(n)][tʃɪ], pessoa[s] baiana[∅s], gosto também do[s] carioca[∅s] e do[s]… só do[s] carioca[∅s] mesmo, do[s] dois. Os que eu mais gosto.

**Entrevistadora:** E como que os baianos e os cariocas falam? Cê pode falar de um e depois do outro.

**Entrevistado:** O[s] carioca[∅s]… eu não sei se é o carioca que tem o S puxadinho, que é po[ɹ(n)] exemplo, mas, eu acho muito lindo, e o R também que é aquele [tʃɪ]po *Arthur*, sabe? Que é o arrasta[dʒɪ]nho. E o[s] baiano[∅s] é a fo[ɹ(n)]ma como ele[s] falam, [tʃɪ]po, é o jei[tʃɪ]nho dele[s] e a forma rápida que ele[s] falam. Ele[s] têm uma facilida[dʒɪ] muito gran[dʒɪ] [dʒɪ] fala[∅r(v)] e eu consigo pe[ɹ(v)]de[∅r(v)] até o assunto às vezes [dʒɪ] conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com o baiano e pe[ɹ(v)]de[n∅dʊ] assunto po[ɹ(n)]que falam bem rápido, eu gosto [dʒɪ]sso.

**Entrevistadora:** Perfeito.

**Entrevistado:** São ené[ɹ(n)]gicos.

**Entrevistadora:** E tem algum que te irrita, que cê não goste muito, talvez não tenha tanta preferência ou você ache que soa meio esquisito, alguma coisa assim.

**Entrevistado:** Não é o esquisito, eu acho feio. É o po[ɹ(n)]ta, po[ɹ(n)]tão, é o nosso mesmo do, do sul. Por exemplo, tem nome[s] que nem Be[ɹ(n)]na[ɹ(n)]do, que tem vário[s] R juntos fica, na minha concepção, fica feio, fica estranho [dʒɪ] fica[∅r(v)] fala[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** Entendi. E você já falou um pouquinho, né? E sobre como as pessoas de Londrina falam, você, além do que você já falou, tem mais alguma coisa que você consiga linkar? Você fala, ah, isso é muito característico de Londrina.

**Entrevistado:** [dʒɪ] Londrina?

**Entrevistadora:** É, fora o R que cê cê já falou tal, tem mais alguma coisa?

**Entrevistado:** Acho que são muita[s] gíria[∅s], a gen[tʃɪ] tem muita mania de fala[∅r(v)], po[ɹ(n)] exemplo, mano, velho, essas, essa é muito, assim, qualquer pessoa assim da, da faixa etária de [dʒɪ]zesseis, [dʒɪ]zesse[tʃɪ], [dʒɪ]zoito anos, se você conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com ela[s], você vai ver isso ní[tʃɪ]do, essa, essa informalida[dʒɪ], é algo que eu vejo assim, é ní[tʃɪ]do.

**Entrevistadora:** Perfeito. E falando mais de você, você já passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu sotaque, ao seu modo de falar?

**Entrevistado:** Já. Não foi constrangedora, mas foi, foi a primeira vez, né? Que pe[ɹ(v)]ceberam que meu sotaque era esquisito, né? Vieram alguns amigos do meu primo que ele[s] são [dʒɪ] São Paulo e ele[s] vieram conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com a gen[tʃɪ], meu primo levou todos nós pra uma chácara, uma fazenda, e como a maioria do universo brasileiro acha que aqui é tudo sí[tʃɪ]o[s], tem… todo mundo usa xadrez, né? Que não, não tem cida[dʒɪ][s] em volta, eles vieram fala[∅r(v)] assim: Cadê a XXXXXX, né? Aí eu falei assim, oi gen[tʃɪ], não sei o quê, não sei o que eu falei, que eu falei com um R tão fo[ɹ(n)][tʃɪ], acho que deve te[ɹ(v)] sido até fo[ɹ(n)][tʃɪ], um negócio tão assim que eles começaram a da[ɹ(v)] risada e eu fiquei: que aconteceu? Não sei, eu era bem novinha, né? Na época, eu fiquei bem constrangida. Hoje, nem faz muita [dʒɪ]ferença, mas foi algo assim que foi a primeira vez que eu pe[ɹ(v)]cebi, nossa, o meu sotaque, o jeito que eu falo é [dʒɪ]feren[tʃɪ] [dʒɪ] outra pessoa.

**Entrevistadora:** Entendi. E em alguma situação, né? Tipo, viagem, trabalho, mesmo na própria universidade, enfim, você já modificou o seu sotaque, a sua forma de falar pra adaptar ao modo das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Não, mas eu evitava [dʒɪ] fala[ɹ(v)] a[s] palavra[∅s]. Por exemplo, que nem tem uma, tem uma amiga minha que ela é daqui [dʒɪ] Londrina mesmo e ela fala be[ɹ(n)]gamota pra uma mexerica, tangerina, e aí de tanto ela fala[∅r(v)] isso, todas as vezes que a gen[tʃɪ] vai conve[ɹ(v)]sa[∅r(v)] com ela, a gen[tʃɪ] fala be[ɹ(n)]gamota, po[ɹ(n)]que ela sabe o que a gen[tʃɪ] tá fala[n∅dʊ], mas, po[ɹ(n)] exemplo, quando a gen[tʃɪ] vai fala[ɹ(v)] que nem man[dʒɪ]oca, que tem aipim, macaxeira, tem vários, eu evito [dʒɪ] fala[∅r(v)]. Eu evito [dʒɪ] fala[∅r(v)] a palavra que tem [dʒɪ]ferença pra todo mundo, pra não causa[ɹ(v)] discussão, às vezes a pessoa não entende[∅r(v)] e aí entra[∅r(v)] num deba[tʃɪ].

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente orgulho ou vergonha do seu sotaque e da sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Aí, é irrelevante. Pra mim é… pra mim é, muito, é caracterís[tʃɪ]co, né, é uma, é uma caracterís[tʃɪ]ca minha, então, não tem nem po[ɹ(n)]que te[ɹ(v)] ve[ɹ(n)]gonha ou me incomoda[ɹ(v)] com isso.

**Entrevistadora:** Perfeito. A última coisa que eu vou pedir é que eu vou te dar esse texto bem curtinho. Eu vou pedir pra você ler esse texto em voz alta.

**Entrevistado:** Parábola dos se[tʃɪ] vime[s]. Era uma vez um pai que [tʃɪ]nha se[tʃɪ] filho[s]. Quando estava para morre[∅r(v)] chamou-os a todos e depois [dʒɪ] te[ɹ(v)] olhado inquieto e tris[tʃɪ]men[tʃɪ] para o céu [dʒɪ]sse-lhes. Já não ten[dʒɪ]s mãe e eu sei que não posso dura[ɹ(v)] muito. Mas an[tʃɪ]s [dʒɪ] morre[∅r(v)] desejo que cada um [dʒɪ] vós me vá busca[∅r(v)] no campo do moinho um vime seco. Eu também? Pe[ɹ(v)]guntou o mais novo. O garoto esbelto de quatro anos que estava inocen[tʃɪ]men[tʃɪ] brinca[ndʊ] ao sol com duas moeda[s] num velho chapéu de feltro. Tu também, [tʃɪ]ago. Quando os filhos voltaram com os vime[s], o pai pe[dʒɪ]u ao meno[ɹ(n)] dele[s]. Quebra esse vime. Ao ouvi[ɹ(v)] isto, o pequeno pa[ɹ(v)][tʃɪ]u o vime sem nada lhe custa[∅r(v)]. Agora pa[ɹ(v)][tʃɪ] o[s] outro[s], um a um. O menino obedeceu. Trazei-me todo[s] outro vime! To[ɹ(v)]nou o pai logo que viu o menino pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o úl[tʃɪ]mo sem [dʒɪ]ficulda[dʒɪ] alguma. Quando o[s] rapaze[s] apareceram [dʒɪ] novo, enfeixou os se[tʃɪ] vime[s] solto[s], ata[n∅dʊ]-o[s] com o fio. Toma es[tʃɪ] feixe, Paulo, pa[ɹ(v)][tʃɪ]-o. O[ɹ(v)]denou o pai ao filho mais velho, o homem mais valen[tʃɪ] da cida[dʒɪ]. Ve[ndʊ] que já lhe doíam a[s] mão[s] [dʒɪ] tanto se esfo[ɹ(v)]ça[∅r(v)] po[ɹ(n)] pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o feixe acrescentou: não fos[tʃɪ] capaz, o osso é duro [dʒɪ] roe[ɹ(v)]. Não, senho[ɹ(n)], não fui, e já me doem a[s] mão[s], respondeu o moço. Todo[s] o[s] outro[s] tentaram em vão. Se fossem mil vime[s] em vez [dʒɪ] se[tʃɪ], pio[ɹ(n)] seria, exclamou o pai. Que[ɹ(n)] sejam vime[s] ou coraçõe[s], lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se es[tʃɪ]ve[ɹ(v)][dʒɪ]s sempre unido[s] ninguém vos fará mal. Ao acaba[∅r(v)] [dʒɪ] [dʒɪ]zer isto morreu. Fiéi[s] ao bom conselho pate[ɹ(n)]no até o fim da vida foram sempre felize[s] e fo[ɹ(n)][tʃɪ][s] como leõe[s] o[s] se[tʃɪ] i[ɹ(n)]mão[s] desta história.